ISSN: 2358-8829

QUANDO O DESAFIO ESCONDE A DIFICULDADE: ESTRATÉGIAS E DESAFIOS DAS CLASSES MULTISSERIADAS NA EJA

Francisco Eriqui da Silva Barroso [1]
Heloísa de Sousa Reis [2]
Luís Ferreira [3]

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no contexto do Maciço de Baturité[4] (Ceará), supera a mera condição de modalidade de ensino, configurando-se como um movimento de reconstrução social e humana voltado para sujeitos historicamente marginalizados. Para as "Gentes da EJA" (Ferreira, 2024) indivíduos cujas trajetórias foram marcadas pela privação de direitos e pela condição de subcidadania (Souza, 2023), o retorno à escola representa um gesto de afirmação da própria existência e o exercício pleno do "direito a ter direitos".

Nesse cenário, Parente (2014) aponta que a organização das turmas multisseriadas não emerge como uma escolha pedagógica deliberada, mas como uma condição estrutural vinculada à democratização do acesso em áreas de baixa densidade populacional, exigindo uma análise crítica das normativas e do percurso histórico que sustenta essa realidade no tempo presente. O *locus* desta investigação abrange os 13 (treze) municípios do Maciço de Baturité, no interior do estado do Ceará, cujas especificidades territoriais são marcadas pela dispersão das comunidades rurais e pela contínua reorganização da oferta escolar e permitem compreender como a garantia do direito à educação tem impulsionado os processos de reterritorialização das salas de aula.

[1] Graduando em Pedagogia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB-CE, bolsista FUNCAP. Pesquisador do Grupo de Pesquisa 'Observatório Vozes da EJA Brasil - África' vinculado à Unilab e cadastrado no Diretório Nacional de Grupos de Pesquisa do CNPq (http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9136911058444876), eriqui@aluno.unilab.edu.br;
[2] Graduanda em Pedagogia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB-CE, bolsista FUNCAP. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa 'Observatório Vozes da EJA Brasil - África' vinculado à Unilab e cadastrado no Diretório Nacional de Grupos de Pesquisa do CNPq (http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9136911058444876), heloisadesousareis@aluno.unilab.edu.br;
[3] Doutor em Políticas e Formação Humana, Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ, Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, UNILAB-CE, Bolsista Produtividade Funcap - Edital BPI Nº 11/2024. Pesquisador do Grupo de Pesquisa 'Observatório Vozes da EJA Brasil - África' vinculado à Unilab e cadastrado no Diretório Nacional de Grupos de Pesquisa do CNPq (http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9136911058444876), luisferreira@unilab.edu.br.
[4] O Maciço de Baturité é uma região localizada no interior do estado do Ceará. Esta região é composta por 13 municípios: Acarape, Aracoiaba, Aratuba, Barreira, Baturité, Capistrano, Guaramiranga, Itapiúna, Mulungu, Ocara, Pacoti, Palmácia e Redenção. A região possui uma forte herança histórica e enfrenta desafios socioeducacionais acentuados, sendo o *locus* desta investigação sobre a multisseriação na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Diante da carência de infraestrutura ou com o intuito de assegurar a permanência dos educandos, às práticas pedagógicas e os processos de ensino e aprendizagem migram para espaços não convencionais, como os alpendres, cozinhas, associações comunitárias, entre outros. Nesse cenário, Souza e Ferreira (2026) definem a reterritorialização como um processo de apropriação e ressignificação desses ambientes, que passam a exercer uma genuína função educativa. Esta investigação não emerge de forma isolada, mas origina-se das reflexões e pesquisas tecidas no âmbito do projeto de extensão Vozes da EJA (VEJA)[5], buscando dar visibilidade às subjetividades que emergem desse território de resistência. Ao analisar esse cenário, percebe-se que o termo "desafio", recorrente no discurso docente, atua como um revestimento retórico para ocultar a precarização do trabalho e as dificuldades estruturais enfrentadas pelos professores.

Ao analisar esse cotidiano, percebe-se que a "romantização" da prática pedagógica quase sempre aparece forjada pelas dificuldades nas relações de trabalho, escassez de recursos didáticos e sobrecarga decorrente de múltiplos níveis de ensino reunidos no mesmo espaço-tempo. Diante desse cenário, a questão central que orienta este estudo é: de que modo as táticas pedagógicas reinventadas pelos docentes da EJA, no cotidiano das turmas multisseriadas, constituem respostas aos desafios do planejamento e da organização do trabalho pedagógico? Para responder a essa indagação, este trabalho tem como objetivo analisar as táticas pedagógicas reinventadas pelos docentes da Educação de Jovens e Adultos no cotidiano das turmas multisseriadas, considerando os desafios do planejamento e da organização do trabalho pedagógico.

Em termos metodológicos, o estudo ancora-se em uma pesquisa de natureza qualitativa, de cunho exploratório e de abordagem descritivo-interpretativa. A produção de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas e registros em diários de campo junto a docentes do Maciço de Baturité. Fundamentado na mediação social da aprendizagem (Rosa, 2008) e nas reflexões sobre a hierarquia simbólica e a subcidadania na sociedade brasileira (Souza, 2023), o trabalho aproxima-se da realidade dessas turmas considerando as falas dos professores sobre a condução de suas práticas pedagógicas em diferentes níveis de aprendizagem, fenômeno marcado pela tensão do atendimento simultâneo.

[5] O Projeto de Extensão "Vozes da EJA: Memórias, Saberes e Inclusão no Maciço de Baturité" (VEJA/UNILAB) é desenvolvido em parceria com as redes municipais de ensino da região do Maciço de Baturité/CE, com foco na formação permanente de educadores e na produção colaborativa de materiais didáticos para a EJA.

ISSN: 2358-8829

Neste percurso, o artigo organiza-se nas seguintes seções: além da presente introdução, detalha-se o percurso metodológico vivenciado com os docentes da região; em seguida, apresenta-se a fundamentação teórica pautada nas questões de subcidadania, multisseriação e exclusão educacional e, por fim, a análise das falas das professoras situadas no processo de ensino e aprendizagem nas turmas multisseriadas, nos desafios do cotidiano escolar e, sobretudo, na formação humana das "gentes" da modalidade que na infância e juventude não tiveram as oportunidades de continuidade e permanência nos bancos escolas.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A presente pesquisa fundamenta-se em uma pesquisa de natureza qualitativa, de cunho exploratório e de abordagem descritivo-interpretativa. A opção pela pesquisa qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender fenômenos que envolvem seres humanos e suas relações sociais em seu contexto, privilegiando a perspectiva dos sujeitos e os significados que atribuem às suas trajetórias (Minayo, 2014). O caráter exploratório é adotado devido à constatação de que a multisseriação na Educação de Jovens e Adultos ainda carece de uma produção acadêmica densa no cenário brasileiro; segundo Gil (2008), esse movimento permite maior familiaridade e aproximação com o objeto de estudo.

O cenário de investigação desta pesquisa circunscreve-se à região do Maciço de Baturité, localizada no interior do estado do Ceará, caracteriza-se por ser uma zona rural e serrana com forte herança histórica e desafios socioeducacionais acentuados, onde a EJA assume um papel crucial de reparação e garantia de direitos.

A escolha desta pesquisa justifica-se pela observância de fenômenos pedagógicos singulares, como a predominância da multisseriação como estratégia pedagógica para responder às especificidades do contexto rural, onde a escassez de docentes e a dispersão populacional impedem turmas seriadas convencionais.

Os sujeitos da pesquisa compreendem os professores das redes municipais de ensino que atuam em turmas multisseriadas. A seleção dos participantes deu-se de forma intencional, foram selecionados 5 (cinco) professores da rede municipal de municípios distintos, docentes que vivenciam esse contexto. Estes profissionais exercem prática docente dentro das limitações pedagógicas, mediando o aprendizado de alunos em diferentes níveis de alfabetização e escolaridade de forma simultânea. Ferreira (2024) nomeia esses profissionais da educação como "Gentes da EJA", sujeitos atravessados por processos de inferiorização e subcidadania, cujas histórias de vida são marcadas pela exclusão do sistema educacional formal.

ISSN: 2358-8829

Para a produção dos dados foram adotados dois instrumentos de coleta: a entrevista semiestruturada e a observação participante dos encontros formativos desenvolvidos no projeto de extensão "Vozes da EJA: memórias, Saberes e Inclusão no Maciço de Baturité (VEJA)". A opção pela entrevista semiestruturada, segundo Gil (2008), fundamenta-se na necessidade de estabelecer uma relação de interação que permita ao pesquisador obter informações precisas sem engessar o discurso do participante, além de ao entrevistador maior liberdade para explorar os tópicos de interesse, mantendo um roteiro flexível, conforme Marconi e Lakatos (2017).

As entrevistas foram desenvolvidas por meio de um roteiro flexível em que os participantes responderam sem se identificar, as seguintes perguntas norteadoras: "Como é dar aula em uma turma multisseriada?" e "Quais os principais desafios das turmas multisseriadas?". Esse roteiro favoreceu o fluxo livre da escrita, permitindo captar as nuances subjetivas que distinguem o "desafio", termo muitas vezes utilizado para romantizar a prática docente, da "dificuldade" real enfrentada no cotidiano escolar, revelando as tensões e a precarização que o discurso oficial costuma ocultar. Além disso, a observação participante foi escolhida por permitir ao pesquisador imergir no contexto investigado, registrando as experiências em anotações captadas '*in loco'* nas turmas dos professores investigados.

Após a coleta de dados por meio das entrevistas e das observações onde foi socializado as respostas e discutidas entre os sujeitos, foi desenvolvido, o tratamento e a interpretação do material coletado que seguiram os preceitos da Análise de Conteúdo, conforme as fases sistematizadas por Bardin (2010). O percurso analítico foi organizado em três etapas fundamentais: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados com a respectiva inferência e interpretação, seguidos da análise das categorias adotadas e estudadas.

Na fase de pré-análise, realizou-se a leitura flutuante das entrevistas e do material decorrente das formações promovidas pelo projeto de extensão VEJA, estabelecendo um contato direto para a identificação das unidades de registro, segmentos de conteúdo que servem como unidades de base para a categorização. Posteriormente, realizou-se a exploração do material, momento em que as decisões metodológicas foram sistematicamente aplicadas por meio de operações de codificação e fragmentação das categorias de análise. Nessa fase, as falas e observações foram agrupadas em unidades de contexto, servindo como unidades de compreensão superiores para decifrar o significado exato das entrevistas.

No estágio final, dedicado ao tratamento dos resultados e interpretação, estabeleceu-se um diálogo reflexivo entre os achados empíricos e o referencial teórico da pesquisa. Essa análise foi fundamentada nos conceitos de humanização e autonomia de Freire (1996), onde a humanização constitui a vocação ontológica dos seres humanos e a autonomia se afirmar como

ISSN: 2358-8829

aprendizagem de uma vivência educacional fundamentada na ética, que leva o indivíduo à conscientização de sua capacidade de ação e transformação do mundo. Além disso, explorou-se a condição de subcidadania discutida por Souza (2023). O cruzamento dessas perspectivas permitiu a criação de uma categoria de análise que busca desvendar a dualidade da multisseriação no Maciço de Baturité.

É importante destacar que, em observância aos preceitos éticos que regem as pesquisas com seres humanos optou-se por preservar os nomes dos professores, das escolas e dos municípios em que esta pesquisa é desenvolvida. Dessa forma, para a identificação dos interlocutores durante as análises das entrevistas e posterior interpretação dos dados, optou-se por atribuir nomes fictícios aos professores que participaram da pesquisa. Esse procedimento assegura que as subjetividades e denúncias presentes nos relatos não resultem em qualquer forma de identificação direta ou indireta dos participantes ou dos seus respectivos contextos de atuação.

REFERENCIAL TEÓRICO

O avesso do "desafio": a exclusão includente e a dualidade do trabalho docente na EJA multisseriada

No cotidiano das classes multisseriadas do Maciço de Baturité, a prática docente é frequentemente descrita sob a defesa do "desafio", termo polissêmico que, embora pareça enaltecer a resiliência do educador, atua como um revestimento retórico para ocultar a real precarização do trabalho e as dificuldades estruturais enfrentadas. Essa prática, algumas vezes, romantizada, acaba por mascarar a omissão do Estado, que deposita no esforço individual e no improviso do professor a responsabilidade de garantir um direito que deveria ser assegurado por políticas públicas e materiais específicos. O que os docentes nomeiam como "desafio" é, tecnicamente, o sintoma da exclusão includente, conceito de Gentili (2009) que define sujeitos que possuem a matrícula formal (estão incluídos no sistema), mas são privados das condições pedagógicas e materiais reais para uma aprendizagem integral.

Essa realidade materializa-se no que Ribeiro (2019) descreve como tensão vivenciada pelo docente ao necessitar acompanhar, no mesmo espaço-tempo estudantes com níveis de aprendizagem e necessidades pedagógicas distintos. Trata-se da tensão inerente ao atendimento simultâneo de múltiplos níveis de alfabetização e escolaridade em um único espaço e tempo, onde o docente se vê dividido entre o desejo de oferecer atenção individualizada e a impossibilidade física de atender a todos com a mesma profundidade. Ainda em Ribeiro (2019) a maior "tristeza" desse educador é ver um aluno esperando por atendimento enquanto outros

níveis são priorizados, revelando que a flexibilidade exigida do docente não é uma escolha metodológica, mas a sobrecarga de trabalho duplicada ou quintuplicada.

Diante da invisibilidade curricular, em que os sistemas de ensino e os materiais didáticos são pensados exclusivamente para a séries única/idade única. Na ausência de acervos específicos que respeitem os "tempos humanos" (Arroyo, 2011) daqueles que Ferreira (2024) nomeia como "Gentes da EJA", o fazer docente assume o caráter das práticas de improviso. Os professores recorrem a adaptações no ensino, muitas vezes, reaproveitando, de forma equivocada, os materiais do ensino infantil para o público adulto, uma prática que, embora cumpra um papel pedagógico reforça uma condição de subcidadania e a negação de recursos didáticos adequados à realidade desses estudantes.

Essa dualidade entre o compromisso ético do acolhimento e a escassez material redefine o território da sala de aula como um espaço de resistência. Ao ocupar ambientes reterritorializados, como alpendres, cozinhas ou galpões, o docente estabelece uma intimidade produtiva, ressignificando o aprendizado através da proximidade física e afetiva que ameniza o estigma do analfabetismo. Contudo, é imperativo reconhecer que essa criatividade docente, muitas vezes celebrada pela gestão pública, é o avesso de uma política de abandono. O sucesso das "Gentes da EJA" no Maciço de Baturité não decorre de uma estrutura facilitadora, mas da entrega física e do desgaste de um professor facilitador que converte a precariedade estrutural em um ato político de resgate da autonomia.

Neste cenário de negações, o fazer docente é confrontado com o que se pode denominar de invisibilidade curricular. A descontinuidade entre os materiais didáticos e a dinâmica das turmas multisseriadas deixa o educador sem o devido respaldo institucional. Diante de recursos e diretrizes pensados para turmas seriada da escola regular, cabe ao professor a responsabilidade de reconfigurar cotidianamente os conteúdos e os percursos de aprendizagem para responder aos níveis e interesses distintos dos estudantes. Essa omissão estatal alimenta o fardo nominal descrito por Parente (2014), em que a nomenclatura multisseriada passa a carregar o estigma da baixa qualidade, camuflando a exclusão includente discutida por Gentili (2009). Logo, o cotidiano escolar é atravessado pela sobrecarga do acompanhamento simultâneo de múltiplos níveis de aprendizagem, revelando que o 'desafio' docente é, em última instância, o sintoma de uma política que transfere para a figura do professor a responsabilidade individual de amenizar desigualdades estruturais.

Classes Multisseriadas: da condição estrutural à prática pedagógica

ISSN: 2358-8829

A organização das classes multisseriadas na Educação de Jovens e Adultos além ser compreendida como uma escolha pedagógica é também uma condição estrutural imposta, decorrente da necessidade de democratização do acesso em áreas de baixa densidade populacional. No contexto do Maciço de Baturité, essa configuração reúne estudantes de diferentes idades, trajetórias de vida e níveis de alfabetização em um único espaço e tempo, sob a condução de um único professor. Embora vista sob o estigma da precariedade, essa modalidade representa, muitas vezes, a única alternativa para garantir o direito humano à educação em territórios marcados pela dispersão geográfica e pela omissão do Estado.

Dentro do contexto regional do Maciço de Baturité, essa condição estrutural impulsiona o fenômeno da reterritorialização das salas de aula, onde o fazer pedagógico transborda os muros da escola convencional para ocupar espaços domésticos e comunitários. Diante da insuficiência de prédios escolares ou para facilitar o acesso de quem enfrenta barreiras geográficas de acesso à escola, a sala de aula migra para alpendres, varandas e cozinhas. Nesses espaços improvisados, o território é um dado geográfico que carrega, em si, um espaço do acontecer solidário, onde metodologias de ensino, didáticas e humanas se fundem para dar novo sentido à escolarização.

Nesse cenário de espaços reterritorializados, emerge uma pedagogia diferenciada que acontece nos espaços alternativos não-escolares, em muitos casos, reterritorializados, referindo-se ao ato estratégico de ensinar fora do ambiente convencional da sala de aula. Ao abrir as portas de suas residências, professores e alunos ressignificam o aprender, transformando o ambiente familiar em um espaço de acolhimento e escuta sensível. Essa proximidade física e afetiva atua como uma tática de resistência ao etarismo e ao isolamento social, permitindo que aqueles que Ferreira (2024) nomeia como as “Gentes da EJA” se sintam pertencentes a uma comunidade de aprendizagem que valoriza suas identidades e saberes vividos.

A prática pedagógica nesses contextos, portanto, exige uma mediação didática que transcenda o cumprimento burocrático de currículos seriados e homogêneos. Nessa circunstância o professor assume o papel de um facilitador que precisa coordenar múltiplos tempos humanos, convertendo a heterogeneidade da turma em um fator propulsor de solidariedade pedagógica e coautoria do conhecimento. Como argumenta Rosa (2008), a aprendizagem nas classes multisseriadas ocorre fundamentalmente por meio das relações sociais, permitindo que a interação entre estudantes em diferentes níveis de saber gere novos sentidos para o ato de educar.

Ao estabelecer o que Charlot (2000) define como uma aula interessante, aquela em que o sujeito constrói um vínculo significativo entre o aprendizado e sua experiência de vida, a

ISSN: 2358-8829

multisseriação revela sua potência humanizadora. O sucesso educativo, nessa perspectiva, ocorre pela capacidade da escola em se constituir como um lócus de emancipação. Dessa forma, o que a política administrativa trata como mera contingência econômica ao agrupar níveis diversos em uma mesma sala reflete, na verdade, a sobrecarga estrutural analisada por Parente (2014), a qual acaba por duplicar ou quintuplicar a carga de trabalho docente. Deste modo, a multisseriação no chão da escola converte-se em uma estratégia que rompe com os ciclos de exclusão para garantir o direito de ser e pertencer a uma sociedade letrada.

Nessa perspectiva, a prática pedagógica na EJA multisseriada exige o que Rosa (2008) identifica como a centralidade das relações sociais no processo de ensino e aprendizagem. Ao contrário do modelo seriado tradicional, que isola o aluno em seu nível de escolaridade, a multisseriação no Maciço de Baturité força o surgimento de redes de colaboração entre pares, onde a troca de experiências intergeracionais torna-se o motivo da aula.

Essa potência interativa e humanizadora, contudo, não deve excluir a análise crítica sobre a origem dessa forma de organização no cenário brasileiro. Se, no chão da sala de aula, a multisseriação é convertida em tática de resistência e coautoria do saber, institucionalmente ela permanece atrelada ao que Parente (2014) denomina de fardo nominal, em que a nomenclatura 'multisseriada' é utilizada para camuflar a precarização e a falta de investimento. Portanto, torna-se fundamental distinguir o limite entre a condição estrutural imposta pela necessidade econômica e a escolha pedagógica deliberada como projeto de ensino, aprofundando a discussão sobre as razões que mantêm esse modelo como norma negligenciada para as "Gentes da EJA" (Ferreira, 2024).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos achados empíricos, processada sob a análise de conteúdo proposta por Bardin (2010) permitiu que a aparente desordem dos relatos docentes desse lugar a uma estrutura reveladora das evidências pedagógicas no Maciço de Baturité. Ao imergimos nas narrativas das "Gentes da EJA", sujeitos cujas as trajetórias são atravessadas por processos de inferiorização e negação e direitos (Ferrreira, 2024), identificamos que o fazer docente nas turmas multisseriadas transcende o cumprimento de metas burocráticas, operando como uma mediação social voltada ao resgate da autonomia.

Para analisar as táticas de resistência e as precariedades camufladas no cotidiano escolar, os resultados foram organizados em uma categoria de análise intitulada como "dualidade entre o desafio e a dificuldade" que permitiu explorar as entrevistas realizadas juntos aos professores das Secretarias Municipais de Educação da região em que essa pesquisa foi desenvolvida.

ISSN: 2358-8829

Com base nessa categoria, torna-se fundamental analisar o termo “desafio” que aparece revestido da “dificuldade” enfrentada pelos professores no cotidiano das turmas multisseriadas da EJA. Enquanto o discurso acadêmico, quase sempre, vem carregado de elementos positivos por se tratar de pessoas de diferentes idades, percursos e níveis de aprendizagem em uma mesma sala como um mero estímulo à inovação pedagógica, a vivência concreta dos professores expõe a face oculta da dificuldade e da precarização do trabalho (Parente, 2014). É importante destacar que, lidar com múltiplos tempos humanos e demandas analfabetizadoras sob a escassez de materiais específicos e a ausência de suporte institucional exige do docente o que Certeau (1998) define como ação tática: em dispor de um espaço próprio de poder, o professor vale-se das circunstâncias, dos tempos possíveis e das lacunas institucionais para sustentar seu trabalho pedagógico. No entanto, essas estratégias também servem de denúncia do desprovimento das condições materiais e curriculares adequadas em que a gestão da diversidade deixa de ser uma oportunidade formativa para se converter em sobrecarga pedagógica.

Nessa perspectiva, as vozes dos docentes da região evidenciam que o ato de ensinar em turmas multisseriadas exige a presença de um professor facilitador, que tenta converter a precariedade em criatividade. Entre os municípios pesquisados, os docentes ilustram essa tensão ao destacar o desafio de lecionar em uma classe multisseriada com aulas criativas. Dessa forma, o termo “desafio” é muito presente no discurso docente ao afirmar que:

> “É um desafio pra mim, como professor, porque são alunos de níveis diferentes para criar aulas criativas pensando na aprendizagem de cada aluno” (Profª. Marta, EJA II).

> “É algo desafiador pois necessita-se de uma atenção especial para as nuances que existem. Atentam-se as diferentes dúvidas que surgem sejam elas simples ou difíceis” (Profª. Carmem, EJA II).

No relato acima, observa-se que o termo ‘desafio’ atua como um revestimento retórico. Ao romantizar a necessidade de criar ‘aulas criativas’, o discurso docente acaba por mascarar a real precarização do trabalho e a omissão do Estado, que deposita no esforço individual e no improviso do professor a responsabilidade de garantir um direito que deveria ser assegurado por políticas públicas e materiais específicos. O que o docente nomeia como ‘desafio’ é, na verdade, o sintoma do que Gentili (2009) descreve como exclusão includente, onde o aluno tem a matrícula, mas não tem as condições pedagógicas ideais para aprender.

Constata-se que o termo ‘desafiador’ sintetiza a dificuldade de atender a diferentes ritmos no mesmo espaço-tempo (Ribeiro, 2019). No entanto, a busca por soluções criativas muitas vezes mascara o que Parente (2014) define como uma organização resultante da necessidade econômica e não de uma escolha pedagógica deliberada. Sob essa análise, o que é

apresentado como ‘flexibilidade criativa’ é, tecnicamente o Parente (2014) descreve como fardo nominal da multisseriação, o que acaba por duplicar ou quintuplicar a carga de trabalho docente ao exigir múltiplos planejamentos para uma mesma aula.

Essa sobrecarga exige do professor a árdua tarefa de se dividir entre o desejo de oferecer uma educação de qualidade e a impossibilidade física de atender a todos simultaneamente para garantir que alcancem a aprendizagem condizente com o conteúdo trabalhado. Tal sentimento é captado no relato da Professora Ana Maria, ao afirmar que:

> “É boa e desafiadora [...] precisa de uma atenção individualizada sem retroceder os demais”. (Profª. Ana Maria, EJA II)

Na fala da Professora Ana Maria fica evidente que a atenção individualizada transborda o desejo de garantir que o conhecimento chegue ao estudante de uma forma adequada também aos demais da sala de aula. Nesse sentido, Ribeiro (2019) nos mostra que a maior tristeza do educador nessas condições é ver um aluno esperando por atendimento enquanto outros níveis são priorizados, revelando que o desafio é, na verdade, um sintoma da precarização das condições de ensino.

Para contornar essa realidade, os professores recorrem a táticas de procurar soluções em meio às etapas que são diferentes, adaptando materiais do ensino infantil para adultos devido à falta de acervos específicos para a EJA. Essa prática, embora demonstre o compromisso político do docente em ultrapassar o desafio, acaba por evidenciar a condição de subcidadania (Souza, 2023) a que esses educandos estão submetidos, onde o direito à educação é garantido de forma includente, porém materialmente segregada e carente de suporte institucional adequado. Como revelam os docentes de um dos municípios, à docência exige um constante “jogo de cintura”, ou seja, a capacidade de lidar com imprevistos de diferentes naturezas, adaptar estratégias pedagógicas à realidade distintas dos estudantes, e contornar as limitações estruturais da escola sem comprometer o processo de ensino-aprendizagem.

> “O jogo de “cintura” em relação aos diferentes níveis. Interagir com a turma vezes com assunto que engaje a turma e outras que aborde a particularidade de cada um, a individualidade.” (Profª. Cristiane, EJA I)

> “[...] é enfrentar e encontrar maneiras diferentes para atendê-los de maneiras diferentes, tenho 2 alunos que atendo em casa e vejo como e desafiador atendê-los ao mesmo tempo, pois um deles sabe ler o outro não, tenho que buscar maneiras e estratégias diferentes, para no fim todos sair com conhecimento bem acessível.” (Profª, Patrícia, EJA II)

Dessa forma, o ‘jogo de cintura’ revela-se pela flexibilidade como uma resposta à ausência de diretrizes específicas, transformando a multisseriação em uma ‘condição’ que exige

constantes transgressões ao modelo seriado tradicional (Parente, 2014). Contudo, esse esforço torna-se trabalhoso quando o atendimento ocorre em ambientes reterritorializados, como o ambiente doméstico, onde o professor enfrenta o desafio de ensinar simultaneamente quem já lê e quem ainda inicia o processo.

Portanto, a multisseriação no Maciço de Baturité além de ser reconhecida como uma superação pedagógica vivenciada pelo docente, também denuncia a omissão do Estado que, ao não oferecer matrizes de referência ou currículos específicos, deposita, no professor, o compromisso em adaptar suas atividades e ações didáticas com ênfase na garantia do direito humano fundamental. Somente ao desvelar o que o termo "desafio" esconde, torna-se possível reivindicar políticas de formação continuada que respeitem a complexidade das trajetórias, saberes e vivências dos jovens, adultos e idosos da modalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises desenvolvidas nesta investigação confirmam que o objetivo geral foi plenamente alcançado, ao analisarmos como o planejamento pedagógico e a escassez de recursos didáticos impactam a prática docente nas turmas multisseriadas da Educação de Jovens e Adultos no Maciço de Baturité. Evidenciou-se que o atendimento simultâneo de múltiplos níveis de escolarização no mesmo espaço-tempo impõe aos professores uma jornada exaustiva de elaboração de aulas e a contínua adaptação de materiais do ensino regular infantil, convertendo o fazer pedagógico em improviso.

A pesquisa demonstrou que a garantia do direito de aprender e de pertencer das "Gentes da EJA" ainda recai exclusivamente sobre a entrega e o compromisso do educador, que tenta suprir, no chão da sala de aula, a omissão do poder público na oferta de materiais pedagógicos condizentes com a realidade do público adulto e idoso.

Sendo assim, entende-se que a multisseriação constitui-se como uma estratégia administrativa e pedagógica fruto de contingências e contenções de gastos públicos, ao agrupar, no mesmo espaço-tempo, estudantes com sonhos distintos, níveis de escolarização variados e processos de aprendizagem diversos. Essa organização impõe ao docente uma jornada exaustiva de planejamento que, em si, também é flexível e adaptável aos contextos educativos frente à escassez de recursos adequados à efetivação do direito de aprender.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Multisseriação, Classes multisseriadas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pelo fomento e concessão de bolsas de pesquisa - Edital BPI Nº

11/2024 - indispensáveis para a realização deste estudo. À Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e ao Grupo de Pesquisa Observatório Vozes da EJA pelo suporte institucional e incentivo à ciência no Maciço de Baturité.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Metodologia da pesquisa**: monografia, dissertação, tese. São Paulo: Atlas, 2014.

CERTEAU, Michel de**. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GENTILI, Pablo. O direito à educação e as dinâmicas de exclusão na América Latina. **Educação & Sociedade**, [S.L.], v. 30, n. 109, p. 1059-1079, dez. 2009. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/s0101-73302009000400007. Acesso em: 21 ago. 2026

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PARENTE, Cláudia da Mota Darós. Escolas multisseriadas: a experiência internacional e reflexões para o caso brasileiro. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 22, p. 57-88, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-40362014000100004. Acesso em: 06 ago. 2026

RIBEIRO, A. G. **Prática docente na EJA multisseriada**. 2019. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado. 181p. Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, Mariana, Brasil.

ROSA, Ana Cristina Silva da. Classes multisseriadas: desafios e possibilidades. **Educação & Linguagem**, São Paulo, v. 11, n. 18, p. 222-237, jul./dez. 2008.

SOUZA, Edmara., & FERREIRA, Luís. (2026). A RETERRITORIALIZAÇÃO DA EJA EM MULUNGU/CE: turmas multisseriadas e os desafios na efetivação do direito à educação. *Anthesis*, *14*(01). Disponível em: https://doi.org/10.29327/2435693.14.1-11 Acesso em: 25 set. 2026

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: uma leitura alternativa do Brasil moderno**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023. Recurso digital.